

A IDENTIDADE DO SER FEMININO NO CONTO HISTÓRIA PORTO-ALEGRENSE DE MOACYR SCLiar: UMA PROPOSTA PARA A SALA DE AULA

Livramento Fernanda de Lima Araújo;
Claudenice da Silva Souza;
Joseane dos Santos Costa

Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: livfernanda2@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: clau909silva@gmail.com

Universidade Federal de Campina Grande, e-mail: zeane.jo@hotmail.com

Resumo: A condição feminina é algo difícil de ser discutido. Esmiuçar as questões sociais, emocionais e morais que envolvem esse tema é importante se quisermos compreender o que leva as mulheres à resignação e ao esquecimento de si mesmas. Como sabemos, o percurso histórico de luta pela liberdade feminina nos diz que a sociedade criou estigmas e, infelizmente, enclausurou muitas mulheres na condição de inferioridade. É de suma importância trabalhar com essa temática em sala de aula, tendo em vista que até hoje é uma questão que suscita discussões abrangentes, pois em meio a tantas lutas, ainda há mulheres que não conseguiram se libertar totalmente dessas amarras e que por isso não têm identidade própria, autoestima e visão o suficiente para perceber que podem tecer seus destinos. Moacyr Scliar traz no seu conto *História porto-alegrense* uma mulher que se deixa manipular pelo sentimento e se torna escrava da comodidade de não ter de decidir sobre sua própria vida. Portanto, este trabalho tem como objetivo desenvolver uma possível proposta que indique possibilidades para a realização de discussões no âmbito escolar acerca do tema. Vale salientar que o autor do conto é contemporâneo, o que nos leva a inferir que a temática ainda é bastante atual e precisa, por isso mesmo, ser levada para a sala de aula. Objetivamos, portanto, entender como o corpo discente compreende essa temática e como encara as várias consequências desse emblema social. Como aporte teórico para o nosso estudo, temos Friedan (1971), Molina (2011), que trazem reflexões importantes sobre o ser feminino e Alves (2014) com uma discussão voltada para a literatura e o ensino.

Palavras-chave: Mulheres, Identidade, Liberdade, Proposta de ensino.

Introdução

A emancipação da mulher, em todos os aspectos, sempre foi motivo de discussão, pois existiam determinados grupos sociais que, atrelados a conceitos ultrapassados, não aceitavam bem que elas estivessem ganhando espaço, no que se refere ao reconhecimento profissional, e assim se libertando dos padrões que as circuncidavam, principalmente os de gêneros.

Mesmo assim, elas buscaram seus direitos e travaram uma árdua luta, inclusive com a igreja para romper estereótipos e estigmas, que insistiam em persegui-las. Porém, não é fácil buscar caminhos que vão contra o que a burguesia defende. Ou seja, as mulheres deveriam ser submissas aos homens, e assim se abster de direitos políticos como também abrir mão de sua inserção no

mercado de trabalho, e até mesmo do direito sobre o seu próprio corpo em prol de um bem maior: a preservação das tradições, e por que não dizer a preservação da família.

No entanto, as mulheres não desvaneceram em sua luta, e deixaram de lado o papel de ser exclusivamente “mãe de família” e “esposas recatadas” que sempre lhes foi imposto desde o momento de seus nascimentos.

Contudo, cabe-nos um questionamento: todas as mulheres despertaram para lutar por si mesmas? No momento em que se anuncia orgulhosamente que elas estão conseguindo galgar postos cada vez mais altos, ainda há aquelas que preferem continuar demarcadas pela sociedade. Talvez muitas ainda não saibam como sair desse invólucro em que as colocaram. Nada mais humano e fiel que a literatura para ir ao cerne de almas ainda confusas ou talvez acomodadas com as condições conflitantes e caóticas pelas quais muitas mulheres passam mesmo com todos os discursos que gritam pela afirmação e liberdade do sexo feminino.

Tendo em vista isso, este trabalho tem como objetivo discutir acerca da condição da mulher que ainda não encontrou uma identidade própria e que por isso a procura na relação amorosa no conto *História porto-alegrense* do escritor Moacyr Scliar. Portanto, tentaremos compreender de que forma a caixeirinha do conto lança seu destino a um homem esquecendo-se de si mesma.

Fundamentação teórica

Freud defende que uma das características psicológicas da feminilidade é dar preferência aos fins passivos e que a questão social também está presente para a ocorrência dessa característica. “Devemos, contudo, nos acautelar nesse ponto, para não subestimar a influência dos costumes sociais que, de forma semelhante, compelem as mulheres a uma situação passiva.” (FREUD, 1996 [1993], p. 116 apud MOLINA, 2011). Ou seja, o lugar em que a sociedade as coloca não pode ser desprezado para se compreender a situação da mulher.

Por muito tempo, o meio social condicionou as mulheres a não refletirem e, portanto, tinham receio de um destino que elas mesmas tivessem de reger, construir, porque suas vidas estariam garantidas com o casamento e não haveria motivos para maiores preocupações. Em relação Friedan (1971) destaca e defende em seu estudo que muitas mulheres, por acharem que não precisam planejar um futuro para si mesmas, além da vida no casamento, acabam por procurar, depois de tempos de casadas, um sentido para a própria existência. Um sentido só seu para uma vida só sua. Percebemos que o laço matrimonial não é o bastante para a realização de um ser humano, necessita-

se de mais para ser completo. Isto é, as regras impostas pelos costumes sociais e vistas como verdades únicas não são o suficiente. A autora diz que

muitas das que casam cedo na nova geração sofreram também esse terror. Julgavam ser desnecessário fazer uma opção, planejar o futuro, organizar a vida. Bastava esperar passivamente ser escolhida. Depois o marido, os filhos e a nova casa decidiriam o resto. Deslizaram facilmente para a sua **função sexual** antes de saber quem eram como **pessoa humana**. (FRIEDAN, 1971, p. 66, grifos nossos)

A felicidade era atribuída ainda ao meio familiar e, como afirma a autora, muitas mulheres da nova geração – no momento em que ela realizou o estudo, vale salientar – também passaram pelo mesmo processo de “desencanto”. É impactante o modo como a autora coloca: apenas a função biológica é descoberta enquanto que o conhecimento sobre quem se é permanece intocado. É como se a condição biológica da mulher ultrapassasse até mesmo a condição humana e por isso ela defende que o cerne das questões no âmbito do feminino não é de ordem sexual, mas sim de *identidade*. Fazendo uma comparação entre culturas distintas, ela argumenta que

como a cultura vitoriana não permitia à mulher aceitar ou gratificar suas necessidades sexuais básicas, a nossa cultura não lhe permite aceitar ou gratificar a necessidade básica de **crescer e alcançar sua plenitude como ser humano**, necessidade que não se define unicamente pela função sexual. (FRIEDAN, 1971, p. 66, grifo nosso)

Pelo visto, como é negada à mulher a aceitação de uma necessidade essencial como a de realizar-se como ser humano, ela se perde no desconhecimento em sua introspecção, e isso desdobra todas as questões sobre o lugar que ocupa na sociedade. De acordo com a autora, muitas mulheres começam a questionar a si mesmas, “como que despertando de um coma indagam: “Onde estou?... Que faço aqui?” (FRIEDAN, 1971, p. 70). A mulher passa a ter noção de que pode ser melhor, de que sua capacidade vai além de questões domésticas, maternas e conjugais. Ela se dá conta de que pode romper as barreiras do comodismo imposto pela sociedade em busca de seu lugar de igualdade e direito.

A autora elucida ainda que ocorre uma espécie de *crise de identidade da mulher* e que essa crise não diz respeito a um reconhecimento individual porque se trata, a partir de um grau de percepção sobre si mesmas e sobre o mundo que as rodeia, de uma evolução, de um crescimento, pois é o momento em que ela se distancia da imaturidade para chegar ao ser humano absoluto e pleno.

Friedan (1971) dá ênfase ao papel das feministas na história de luta da mulher e diz que elas “precisavam provar que ela não era um espelho vazio, passivo, uma decoração inútil, um animal sem inteligência, um objeto a ser usado, incapaz de interferir no próprio destino, antes de

começarem a combater pelo direito de igualdade com o homem” (FRIEDAN, 1971, p. 71-72). As mulheres decidiram sair de suas redomas, porque perceberam que não são bibelôs muito menos objetos frágeis e sem utilidade, e era exatamente isso que as feministas defendiam e pelejavam para que todos acreditassem. A luta, antes de ser com os homens, era uma batalha de autonomia para si e por si mesmas.

Diante disso, ela aponta que se a mulher que não tem autoestima se sentirá inferior e sem forças para se afirmar, impor-se. Se desempenhar a função de uma dona de casa não permitir a plenitude da realização feminina, a autora diz que não haverá autoestima o suficiente para que a mulher encontre um nível mais alto de transformação como ser humano.

Quando nem a sociedade e nem mesmo a mulher consegue definir uma individualidade humana, ela “é forçada a procurá-la nos únicos caminhos que lhe são facultados: a realização sexual, a maternidade e a posse de objetos materiais. E, presa a essa busca, fica atrofiada em nível inferior, bloqueada no caminho de seus impulsos humanos mais elevados” (FRIEDAN, 1971, p. 272). Ou seja, ela – em sua busca indefinida e por que não dizer desesperada – se lança e se doa em vários destinos, como o sexo, a maternidade ou consumismo desenfreado, citados pela autora, mas nunca chega nela mesma, o ponto alto de suas indagações a anseios mais profundos.

A ausência de identidade na caixeirinha do conto interpretado

A personagem inicia o conto justificando sua atitude de contar a sua história. Ela afirma não estar, de modo algum, reclamando, está apenas contando a verdade. A personagem sem nome define-se e define o homem para quem fala: ela é porto-alegrense e ele é o orgulhoso: notamos que a definição dela mesma consiste em caracterizar-se de acordo com sua localidade – possivelmente no local no qual nasceu – e a dele está relacionada à sua personalidade. Ele, sendo filho de fazendeiro, apareceu na cidade de Porto Alegre para estudar e ela, como se classifica, era uma singela caixeirinha de um armarinho do bairro – a personagem coloca os termos no diminutivo, talvez para diminuir sua posição perante a sociedade e em comparação com ele, que era elegante, rico, vivia recitando poemas e levava-lhe rosas no trabalho, que não eram apenas algumas rosas, eram buquês imensos, para demonstrar-lhe o afeto e a riqueza. A personagem narra uma sucessão de acontecimentos e descrições de ambos para depois dizer do que de fato se trata o início de sua narrativa: o alvoroço que o romance dos dois causou. Ele promovia encontros, mesmo que ela não

os apreciasse. Ele se orgulhava do feito, não se importava com a indignação das pessoas ao verem os dois juntos, mostrava-se discordante e indiferente ao juízo que a população fazia.

A indignação por parte da sociedade pode partir do fato de a personagem ser pobre ou não ser bem vista dentro do seu meio tradicional, que no conto não fica exatamente claro se ela é respeitável ou não, mas o fato é que as pessoas não tinham uma boa impressão em relação ao envolvimento de ambos.

A caixeirinha diz que o filho do fazendeiro foi longe comprando uma casa em um bairro nobre, mas especificamente, um palacete antigo, o de um barão, localizado em uma área com bela vegetação e lago com peixes. Ela utiliza o verbo *instalar* para dizer como foi posta na residência, como se fosse hóspede. Em seguida, narra que a justificativa do homem para sua atitude brusca é por considerá-la uma rainha, *Tua rainha*, ela diz, pronome que acrescenta à ideia de posse. Afirma com certeza que sua vida seguia o padrão de riqueza que o rapaz declarou que fosse, com todas as regalias de alguém da nobreza, “e de fato, como rainha eu vivia, com criados à disposição e até um carro” (SCLIAR, 2003, p. 114). A personagem dialoga a todo o momento com a pessoa para quem narra sua história, pergunta por várias vezes se lembra da situação passada. O rapaz era custeado pelo pai, afirma a narradora, e este dizia que o filho tinha direitos de macho, ao expor seu posicionamento em relação à situação amorosa do filho, o pai dá a entender que o filho podia ter qualquer fêmea, como se os romances do filho não passassem de relações instintivas, quase animais. Não importava o que as pessoas dissessem sobre sua companheira, que, como podemos perceber, é o que mais irritava os olhos de quem os via, muito menos quanto custasse essa vida, tudo seria bancado.

A caixeira inicia outro parágrafo de sua narrativa se perguntando algo – “E eu?” –, prontamente surge a resposta: “Bem, eu gostava de ti” (SCLIAR, 2003, p. 114). Ela exprime o sentimento que existia naquele momento, no momento em que recordava a circunstância vivida e reafirma-a para justificar sua atitude de sair da casa dos pais e ir morar no palacete, como uma cortesã (meretriz de luxo¹), assim como ela mesma define e explicita sua empatia em relação a si mesma. Não se considera, esposa ou namorada, mas uma cortesã. Porém, independente de qualquer coisa, seu sentimento por ele não mudava, gostava e assegurava.

Os parentes do personagem também são descritos na narrativa: ricos, assim como o pai do rapaz, a única diferença existente é que são da cidade. Eles começaram a excluí-lo das festividades, atitude que demonstra reprovação em relação ao relacionamento do moço com a caixeirinha, ato

¹ Significado encontrado no dicionário de Larousse (2001).

que o deixa com mais raiva. A resposta do estudante a respeito da ação tomada pela parentela, em forma de vingança, foi alugar uma casa próxima à morada deles.

Ele a instalou com os empregados no lugar, menos a cozinheira. Havia sido demitida, pois ele acreditava que sua rainha cozinhava melhor. Percebemos neste momento o valor que o rapaz atribui à personagem, o grau de realeza. Estranha realeza essa, se ela era rainha por que ter de cozinhar? Eles iam levando a vida, ele optou por não morar junto dela, preferia ser livre – situação incomum dentro de um relacionamento a dois – mas não deixava de aparecer. É interessante observar que ele lhe proporcionava uma vida de rainha, mas não se portava como seu rei, já que não se dispôs a morar com ela.

A personagem passa a divagar sobre o bairro onde vive e retoma a situação desconfortável pela qual o pretendente passa em relação à aceitação da família acerca de seu relacionamento, os parentes chegam até mesmo a virar o rosto ao vê-lo na rua. Porém, nem todos. A exceção da família é a prima Maria Rosa, que não demonstra raiva, pelo contrário, lançava-lhe olhares furtivos correspondidos pelo primo através de sorrisos e bilhetes. A personagem faz uma pergunta: “Pensas que eu não sabia?” (SCLIAR, 2003, p. 114). Ela afirma saber, mas justifica sua atitude de não tomar nenhuma decisão a respeito dizendo que tem sentimento pelo rapaz e essa era a verdade. Atitudes como essa de resignação, até mesmo em relação ao desrespeito da prima, mostram como a protagonista pouco se fazia dona de si mesma e da relação com ele, aceitava passivamente sem nada dizer ou fazer. A casa onde vivia também lhe prendia, era um paraíso. Então, ela ficava calada porque gostava dele e também por causa da bela casa na qual morava.

Seu paraíso começa a desfazer-se. A personagem muda de casa pela terceira vez, a justificativa: o orgulhoso rapaz rico gostava da casa e a queria para si. E porque *ele* gostava a porto-alegrense não poderia ficar mais na moradia. Mais uma vez, questionamos: que tratamento de rainha recebia se até o fato de ele apreciar a casa fazia com que ela tivesse de ser retirada de lá? É fato que o filho de fazendeiro não a queria para si, mas sim ocasionalmente, podemos inferir isso.

Subjugada, cedeu aos caprichos do “companheiro”. Dessa vez, e ao contrário das outras mudanças de imóvel, de muitos empregados que a serviam, com ela foram apenas a empregada e o motorista. Ela diz que o motorista servia-lhe de guarda. Interessante é notar que ele manda um motorista que era também uma espécie de guarda, mesmo sendo ela dócil e inerte porque ia para todos os lugares em que ele a colocasse. Vemos novamente a questão da posse, sua atitude de colocar um homem que além de desempenhar seu trabalho como motorista exercia ainda a função de vigiá-la. É como se ele desconfiasse ou quisesse garantir que a caixeira não iria fugir. Talvez o

homem tenha transportado sua traição para a caixeirinha, presumindo que o trairia, para tal, deixou uma espécie de guarda-costas.

Das decisões tomadas, o jardineiro também foi dispensado, primeiro porque sua nova morada não possuía jardim; depois com o pretexto – apresentado por ele – de que jardins eram trabalhosos. Embora, a personagem apreciasse-os de nada reclamou, submeteu-se a seus sentimentos e não retrucou o fato.

Maria Rosa, a única personagem que possui denominação, casou com o primo. E a personagem principal do conto foi ficando cada vez mais de lado, os encontros que já eram poucos diminuíram consideravelmente. A causa apresentada por ele é que os negócios o ocupavam. Esse argumento foi mais que suficiente para que ela se resignasse e utilizasse como exemplo sua vivência como caixeira e assim justificava a justificativa apresentada por ele. Neste momento, o companheiro que passou a ser amante, já que tinha se casado com a prima, havia lhe tirado o motorista, que também era vigia – O cuidado com ela diminuía cada vez mais. A desculpa foi a de que o bairro já dispunha de transportes dignos dos grandes centros: ônibus e bondes. Ou seja, a mulher a quem ele dera a denominação de rainha no início da carta dela já não tinha nem motorista, podia pegar ônibus. As regalias diminuía a cada momento, a cada circunstância.

Quando a narradora se adapta ao bairro no qual ele havia lhe instalado já é hora de se mudar novamente. Desta vez a razão pela qual ela deveria sair de sua morada era a presença de amigos influentes na sociedade e a escola de balé onde suas garotinhas estudavam. A personagem não demonstra raiva em relação às filhas do homem com quem mantinha uma relação instável, a julgar pela forma que se refere a elas, chama-as de encantadoras e adjetivando-as no diminutivo.

A quarta casa para onde se muda é totalmente destoante das outras já habitadas, “um lugar que já não era mato, mas que ainda estava pouco povoado. Me instalaste numa casinha simpática” (SCLIAR, 2003, p. 115). Percebamos o adjetivo que ela utiliza para caracterizar seu novo lar, *simpática*. Já não era algo que lhe agradasse, pois não estava em boas condições. A personagem mantém um grau de submissão tamanha que, mesmo em carta, como podemos perceber no decorrer da narrativa, ela o defende ao dizer que não o incomodaria com os problemas da casa, pois ele pouco ia até lá, dando a entender que não havia obrigação da parte dele em melhorar a estrutura de sua habitação. Mais uma vez, dentro da trama, a personagem justifica o modo como vive: agora ela se distraía com as lides domésticas, pois a empregada já não existia. A casa era pequena, não havia necessidade de uma pessoa para executar tais tarefas, ele argumentava – e ela concordava, como sempre. Cada vez mais a personagem era abandonada pelo homem rico.

A narradora-personagem conta que passados alguns anos, teve de fazer nova mudança porque estavam surgindo casas elegantes no bairro, já não era bom que ela permanecesse lá, não deveria ser vista, pelo que podemos perceber. A essa altura, a mulher desempenhava um trabalho para sobreviver, costurava para fora. Como argumento para convencê-la, o homem fala em um jardim, o mesmo jardim que ele descartou quando a mandou para outro lugar. Nesse momento da história, ambos já têm sessenta anos. É interessante observar que em nenhum momento o personagem reclama de realocá-la inúmeras vezes, ele não reclama de conseguir casas para a caixeira. Observamos isso em relação ao financeiro do personagem, ele não se queixa do que gasta ao tomar tais atitudes, mesmo que corte gastos implicitamente com os funcionários e os lares.

A casa para a qual ela foi não possuía as condições habitacionais básicas, nem água nem luz. Mas ainda assim ela nada fez a respeito com a justificativa de que, por ele estar passando por uma fase difícil, não queria perturbá-lo. Ou seja, não importava como vivia nem quais problemas tinha e sim que ele não fosse incomodado. O homem havia chegado àquela fase da vida em que as coisas começam a ser questionadas. Seu maior problema era procurar sentido para a existência enquanto que ela não tinha dentes nem ousava pedir uma dentadura. Ele nada percebia. Mais uma vez a personagem foi forçada a abandonar seu lar porque o lugar estava ficando conhecido e poderiam vê-la. Em uma casa-barco foi morar, outro ambiente totalmente inabitável, na verdade, nem uma casa-barco chegava a ser, “era uma simples cabina de madeira coberta com uma lona” (SCLIAR, 2003, p. 116). Passava por tormentas e não o abandonava, esperava-o mesmo que a assiduidade de suas visitas tivesse se reduzido a apenas uma por ano. Ele apareceu no dia do aniversário (*dele*), não no da porto-alegrense, mas no dele. Ela se compadece da situação do amado: viúvo e abandonado pelas filhas fúteis e ainda procurando um sentido para as grandes questões da vida, agora, dentro de uma religião. “Dizias que deveríamos mergulhar no nada. Eu olhava para a água que entrava no barco e concordava” (SCLIAR, 2003, p. 116). A concepção que ele adquiriu era a condição em que ela viveu a vida toda, mas que só agora tomava um pouco de consciência da miserabilidade ao ver a água penetrar em seu reduto último.

Os personagens chegaram ao fundo, ao fim de suas vidas. Ela recebeu um bilhete do homem com quem viveu contando-lhe que a vida não fazia mais sentido e que ela deveria soltar as amarras do barco. Desse modo, ele promove a libertação dela, mais uma vez pensando em si mesmo, porque a vida não fazia sentido *para ele*, ela deveria deixá-lo, mas em nenhum momento há uma preocupação com a felicidade da antiga caixeirinha.

Pela primeira vez na narrativa, conseqüentemente na vida, a personagem pensa na ordem que lhe foi dada. Ela pensa, mas não age. A submissão que a escravizou a vida inteira falou mais alto que qualquer vontade própria de autonomia. A personagem-narradora tinha muito apressado por sua cidade e não queria abandoná-la, por isso escreve para ele na tentativa de convencê-lo a desistir da ordem. Caso contrário ela soltaria as amarras do barco. E assim o fez. A carta contando esta história foi jogada no rio dentro de uma garrafa. O último desejo da personagem é que ele, saudável e com seus familiares possa lê-la. Então, o conto que lemos é a carta que ela lhe escreveu na tentativa de que ele declinasse da ordem. Porém, realizou o que o homem para o qual viveu a vida toda ordenou e ainda queria que ele estivesse bem ao ler a carta. Ou seja, em nenhum momento há uma preocupação dela consigo mesma, o importante é que ele estivesse saudável e contente ao lado dos seus. E ela? Ela não tinha os seus, abandonou-os por ele.

A experiência com o conto em sala de aula

Optamos por criar nossa sequência didática, feita para seis aulas, baseada no que Cosson (2014) apresenta em seu estudo. São quatro momentos citados por ele para a realização em sala: a motivação, a introdução, a leitura e a interpretação.

Uma motivação deve ser usada como forma de incentivo para que o aluno se interesse pelo que vem a seguir. A introdução consiste em iniciar o assunto a ser trabalhado em sala de modo sempre a instigar o aluno sentir

Como introdução, antes da apresentação do conto para os alunos, decidimos trabalhar a violência contra a mulher a partir de alguns meios. Na primeira aula anúncios que apresentavam a violência contra a mulher foram colados no quadro, promovemos a discussão. Em seguida passamos algumas músicas que também abordavam a temática: “Se te agarro com outro te mato” do artista Sidnei Magal e “Ai que saudades da Amélia” interpretada, nesse caso, pelo grupo demônios da garoa. Todos os alunos tinham as letras das músicas em mãos para acompanhá-las não só a partir do que ouviam. Cosson (2014) aconselha a não se alongar na apresentação da temática. Já que se trata apenas da introdução, ao aluno deve ser apresentado apenas o essencial para tal momento.

Ao trabalharmos essa primeira etapa da sequência didática percebemos grande engajamento da turma a respeito do tema, algo que os rodeia direta ou indiretamente, seja por já terem ouvido falar ou visto, não desconheciam o assunto. Os alunos demonstraram estranhamento ao ver os anúncios e músicas apresentadas. Percebemos inquietude e indignação ao iniciarmos a discussão.

Foram apresentados diversos pontos de vistas, algo enriquecedor e útil para as outras aulas da sequência.

Na segunda aula realizamos uma pequena enquete, uma pergunta foi digitada para cada um: “Como você acha que se configura a violência?”, os alunos responderam e entregaram. Em seguida, optamos por motivá-los dando espaço para que compartilhassem experiências, a aula foi aberta para que relatos fossem contados a respeito do que já tinham ouvido ou visto sobre a temática. Histórias não faltaram. Deixá-los se expressar de forma direta através do que conheciam fez com que percebessem como a violência está próxima, e como às vezes não nos demos conta. Isso colaborou para nossa leitura. Os resultados da enquete foram levados na terceira aula.

Desde o início da realização da sequência os alunos foram instigados a refletir a respeito da violência praticada contra a mulher. A maioria respondeu que a violência é geralmente física, isso gerou viés para que fosse explicado a todos que não há somente esse tipo de violência, que existem outras. Os jovens refletiram em que isso implica, assim como foram instigados a pensar.

Cada aluno recebeu uma cópia impressa do conto. Após a leitura e discussão sobre o seu conteúdo, após analisarem, foi solicitado que a turma se dividisse em duas: de um lado quem defendia o personagem homem, do outro lado que defendia a mulher, protagonista da narrativa. Os alunos apresentaram seus argumentos. À medida que o debate ia se aprofundando opiniões mudaram, outros decidiram reler o conto a fim de procurar observar melhor o seu enredo e assim por diante.

Na quarta aula trabalhamos os aspectos estruturais do gênero conto e organizamos um esquema com as principais características. O conto de Moacyr Scliar foi utilizado, mais uma vez. Porém, nesse caso, os aspectos formais foram mais focados. Em nossa quinta aula uma proposta de escrita foi lançada: A escrita de um novo fim, com a exigência de pôr a mulher de uma forma diferente a apresentada no conto. Um novo fim alternativo teria que ser feito.

A sexta e última aula foi realizada especialmente para que todos refletissem sobre tudo que aprenderam com as discussões e trabalhos desenvolvidos durante as aulas. Um espaço para a leitura de suas produções textuais foi aberto. Os alunos foram indagados a respeito da experiência de escrever contos com mulheres que decidiram sair de suas vidas de resignação para serem independentes e vitoriosas. As mulheres foram postas das mais diversas formas: desde mulheres que eram agredidas por seus maridos e, não suportando mais a situação, denunciaram, até prostitutas que foram abusadas e tomaram outros rumos na vida (algumas montaram ONGs de apoio, de acordo com os contos escritos). Por fim, refletimos em que tudo isso implicou.

Considerações finais

Partimos da premissa de que a protagonista do conto viveu com a ausência de uma identidade própria durante toda a sua vida. De acordo com o que discutimos no início deste trabalho e como aponta Friedan (1971), o problema das questões femininas está relacionado à falta de identidade.

Um dos pontos que devemos destacar é que durante toda a narrativa a personagem não se identifica com um nome próprio, diz-se caixeirinha caracterizando pela sua profissão. O seu lugar no mundo era visto a partir da função que desempenhava. Percebemos, portanto, que esta é a primeira característica de ausência de identidade da protagonista.

Atrelado a isso, está o fato de que ela vivia como uma cortesã quando foi para o palacete. Não atribui a si mesma a posição de rainha, namorada, esposa ou qualquer outra denominação que fosse bem vista pela sociedade e pelos parentes do rapaz.

Inúmeras vezes, o rico homem com quem ela mantinha um relacionamento mudava-a de lugar quando achava conveniente, fosse por arrogância – quando a exibia para os familiares – ou porque queria para si a casa em que a colocara. Com o passar do tempo, as justificativas iam se diversificando e ele tentava sempre escondê-la de todos. Uma das vezes em que a retirou de uma casa foi porque seus amigos influentes tinham vindo morar no bairro, que estava ficando conhecido e populoso, como também porque a escola de balé das meninas funcionava no mesmo local. Vemos, então, a dominação que ele exercia. Como um bicho acuado de nada reclamava, tudo aceitava a seu modo, calando-se e justificando sempre que gostava dele. Até mesmo quando ele a colocou em um casebre sem luz nem água, que ela preferiu chamar de modesta para se iludir e não pensar na situação pela qual estava passando por causa dele.

A cada nova habitação, ele retirava uma dela uma regalia. Quando a colocou na casa em Moinhos de Vento, por exemplo, já não existia empregada. Ela era excelente cozinheira, era o motivo que ele dera para dispensar a funcionária. Então, é possível afirmar que o lugar e o valor que o homem atribuía à caixeirinha foram diminuindo com o passar do tempo. A voz da mulher permaneceu muda em todas as circunstâncias em que viveu.

Por não possuir uma identidade própria, resignou-se a aceitar qualquer situação pela qual passasse utilizando como justificativa ilusória o sentimento que nutria por ele. Passou por dificuldades em algumas de suas habitações, mas preferia não ocupá-lo com coisas banais, como por exemplo, uma dentadura nova. E isso é exatamente o que ocorre com inúmeras mulheres. Tratar

da violência contra mulher em sala de aula foi uma experiência gratificante para todos nós. Além dos grandes debates e reflexões promovidas, tivemos a oportunidade de formar pequenos escritores que ansiaram para mudar a vida das mulheres pelo menos no palpel, onde lhes era cabível.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. – 2. ed; 3ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2014.

FRIEDAN, Betty. **MÍSTICA FEMININA**. Tradução de Áurea B. Weissenberg. Petrópolis: Editora Vozes Limitada, 1971.

MOLINA, José Artur. **O que Freud dizia sobre as mulheres**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2011.

SCLIAR, Moacyr. **Os melhores contos de Moacyr Scliar** / seleção de Regina Zilberman. – 6. ed. – São Paulo: Global, 2003.